



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Movimento *dekassegui* como estratégia de trabalho e seus impactos nas relações sociais dentro da comunidade nipo-brasileira.

Maria Juliana Konigame

Mestranda em Sociologia

Universidade de São Paulo (USP)

jkonigame.usp@gmail.com

A migração da população *dekassegui* em direção ao Japão começou em 1985, época em que a América Latina passava por uma crise, chegando a ser considerada como a década perdida. O povo brasileiro andava descontente com o andamento político e econômico, e a classe média brasileira em geral viu seu poder de compra diminuir à custa da inflação e desvalorização da moeda. Parte da população nipo-brasileira situada nessa classe média, sentindo a perda na posição econômica e social, viu no Japão uma alternativa para contornar a crise brasileira, assim como outros grupos brasileiros que se interessaram pela migração para os Estados Unidos e Europa (KAWAMURA, 2003; SASAKI, 2000, p. 8).

Um dos principais motivos para essa classe média procurar empregos não qualificados no Japão foi porque, entre outras coisas, ela era mais sensível à perda de poder econômico, pela qual a classe média passava no Brasil, pois tinham expectativas econômicas maiores. Além disso, imaginava a migração como estratégia temporária de enriquecimento rápido. Sobre isso, Tsuda (1996, p. 81) afirma:

Poucos nipo-brasileiros estão no Japão para escapar da pobreza e a maioria afirma que eles não tinham sérios problemas econômicos em casa. Em vez disso, eles gostariam de usar suas residências temporárias no Japão para aprimorar ou manter seus padrões de vida no Brasil com a aquisição de casas, carros e outros itens “luxuosos” [...], [ou seja] tudo o que eles esperariam ter em suas vidas, mas que eles tem sido crescentemente impossibilitados de adquirir devido à recessão.

Um exemplo disso:

Um homem *sansei* expressa o sentimento de expectativas econômicas não apropriadas: “Eu era um bancário no Brasil, ganhando cerca de 300 dólares



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

por mês. Isso era o suficiente para manter o sustento da família, mas só para comer. Você não pode comprar uma casa, ou gastar dinheiro em entretenimento ou viagem. Isso é simplesmente como o Brasil é. Então eu não tive escolha, mas vir para o Japão” (TSUDA, 1996, p. 82).

É importante ressaltar que a migração de trabalhadores para o Japão como mão-de-obra não qualificada, diferente da política de outros países, só é concedida aos descendentes de japoneses (com descendência direta da primeira ou segunda geração) e seus cônjuges, de acordo com a Lei de Controle de Imigração do Japão de 1990 (KAWAMURA, 2003). Anteriormente a esse ano, somente os japoneses retornados ou descendentes com dupla nacionalidade tinham oficialmente acesso ao trabalho não-qualificado no Japão.

No início do processo migratório, em meados dos anos 80, o perfil da população *dekassegui* era de trabalhadores japoneses retornados e de descendentes da primeira ou até segunda geração, que conheciam a língua japonesa e a cultura (mesmo que tradicional). A maioria dos migrantes eram homens, não tão jovens, solteiros ou casados, que de modo geral migravam sem a família, ou seja, a migração era individual (KAWAMURA, 2003, p. 108; SASAKI, 2000, p. 4).

Uma característica do fluxo inicial da migração de *dekassegui* para o Japão é que no início esse tipo de migração era mal visto pela colônia japonesa no Brasil, pois o trabalhador era submetido a empregos subalternos como mão-de-obra barata e não-qualificada. De acordo com Sasaki (2000, p. 5) no início do movimento eram comuns indivíduos que iam escondidos dos amigos e familiares, pois a migração era um motivo de vergonha, considerada reprovável. Porém, à medida que o fluxo foi se consolidando formando uma rede social no Japão entre os nipo-brasileiros, criou-se um aparato de segurança e confiança na terra estrangeira. Desse modo, a partir da metade dos anos 90 em diante, passaram a fazer parte do fluxo, famílias de *dekassegui*, com elevado número de mulheres e crianças.

Diferentemente das expectativas, tanto do governo japonês quanto da população nipo-brasileira, a adaptação desses últimos na sociedade japonesa tem se mostrado muito difícil e conflituosa. Por parte do governo japonês esperava-se que esses grupos de nipo-brasileiros tivessem algum conhecimento da língua e da cultura japonesa, o que facilitaria sua inserção diante dos outros grupos de migrantes no Japão. Por parte da



população nipo-brasileira, esperava-se que o retorno à terra dos ancestrais fosse facilitado por seu conhecimento cultural das antigas tradições japonesas – predominantemente as da era Meiji – trazidos pelos imigrantes japoneses no começo do século XX. Entretanto, esse conhecimento cultural mostrou-se bastante defasado em relação à atual sociedade japonesa, além de ter sido modificado pela influência dos costumes e da cultura brasileira.

Devido às semelhanças étnicas e os laços sanguíneos que une os brasileiros descendentes de japoneses e a sociedade japonesa, esta última normalmente tem a expectativa de que seus descendentes nascidos no exterior devam ter um apreço pela ‘cultura japonesa’. Acredita-se que essa afeição pela cultura ancestral deva ser passada de pai para filho, entre todos os que partilham a descendência.

Nesse sentido, os nipo-brasileiros são avaliados no Japão através de suas habilidades de se comunicarem e de se comportarem conforme a população local, fazendo com que haja um enorme estranhamento em relação aos descendentes que aparentam serem japoneses, mas não falam a língua e nem mantêm os costumes nipônicos. De acordo com um informante japonês “se seus rostos [dos nipo-brasileiros] são de japonês puro, nós temos uma idéia de que seus costumes e atitudes serão, no mínimo, uma média do nível japonês (TSUDA, 1996, p. 193)”.

Desse modo, uma vez que as expectativas em relação ao comportamento de alguns nipo-brasileiros não são preenchidas, a população japonesa tende a elaborar argumentos a fim de explicar o fato dos descendentes de japoneses não conservarem o padrão cultural nipônico esperado. Um desses argumentos é sobre a maneira de como os pais japoneses educaram seus filhos no Brasil. Isso fica claro no depoimento de um japonês:

Eu não posso entender por que os *nikkeijin* [descendentes de japoneses nascidos fora do Japão] não falam bem japonês se os seus pais eram japoneses e eles falavam japonês em casa. Se eles foram criados apropriadamente e educados por pais responsáveis, eles deveriam falar japonês. Então, eu imagino que os pais não eram bons e somente deixavam as crianças correrem soltas no Brasil (Tsuda, 1996, p. 195).

Nesse sentido, vemos que a boa imagem construída ao redor da população nipo-brasileira no Brasil (relacionados às idéias de estudiosos, disciplinados etc.) não se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

estende à comunidade brasileira no Japão, uma vez que lá, estes são relacionados às idéias de bagunça, irresponsabilidade e até criminalidade.

Os problemas mais comuns com a vizinhança local, apontados pelos *dekassegui*, são a coleta de lixo e o barulho. Os japoneses têm o costume de se organizarem para a coleta do lixo, fazendo uma reciclagem prévia em dias e locais preestabelecidos pela prefeitura, porém a maior parte dos migrantes brasileiros não fala e não entende a língua japonesa, e com isso deixam de colaborar com a coleta seletiva causando grande transtorno e desentendimento com a população local. Os japoneses também reclamam freqüentemente dos abusos cometidos pelos brasileiros ao falarem e rirem alto ou escutarem música em volume elevado. Como afirma Kawamura (2003, p. 170):

Na perspectiva dos japoneses, essa conduta é considerada baderna, indisciplina, desrespeito aos vizinhos, individualismo e egoísmo. Por outro lado, a reação de indiferença, distanciamento e hostilidade adotada pelos japoneses é vista pelos brasileiros como frieza característica daquele povo. Em ambos os grupos, tais manifestações baseiam-se em uma visão preconceituosa do outro.

Vemos, portanto, haver um “desentendimento” recíproco entre as populações, uma vez que suas expectativas sobre o outro não corresponderam ao esperado.

O ingresso do trabalhador brasileiro no mercado de trabalho japonês ocorre através do sistema temporário de emprego, em geral, os *dekassegui* são recrutados para funções não-qualificadas, passando por um treinamento rápido de apenas alguns dias antes de se inserirem na linha de produção. A formação e o preparo adquiridos no país de origem são ignorados pelos empregadores no Japão. De acordo com Kawamura (2003, p. 136):

Em vista da reduzida necessidade de conhecimentos tecnológicos e de comunicação durante o processo de trabalho, as oportunidades de capacitação profissional e tecnológica passam a depender do interesse e da ação individual do trabalhador, através de iniciativas de formação de trabalhadores estrangeiros por associações civis e governamentais fora do âmbito da empresa. Assim, a qualificação do trabalhador passa a depender exclusivamente da busca individual dos meios pelo próprio imigrante brasileiro, como acontece com trabalhadores japoneses com contratos de trabalho temporário. O acesso ao sistema de treinamento está restrito aos trabalhadores permanentes e de níveis mais elevados na hierarquia da empresa.



Nem mesmo a sofisticação tecnológica das empresas japonesas implica necessariamente em maiores possibilidades de aquisição de conhecimentos. Em geral a obtenção de conhecimentos no processo de trabalho relaciona-se com a posição que o trabalhador ocupa na estrutura ocupacional, pois “trabalhadores em funções que não exigem qualificação não são encaminhados para treinamento técnico dentro ou fora da empresa” (KAWAMURA, 2003, p.140).

A falta de oportunidade em adquirir capacitação profissional e tecnológica dos trabalhadores brasileiros nas empresas japonesas gera um grande problema de atraso profissional. Nesse sentido, o principal problema enfrentado pelos *dekassegui* no retorno à terra natal é o da re-inserção no mercado de trabalho brasileiro, muitas vezes devido a esse atraso profissional causado pela estadia no Japão.

Depoimentos dos *dekassegui* coletados por Sasaki (2000, p. 98), relatam que muitas vezes a volta ao Brasil pode ser mais difícil do que se imaginava, de modo que a readaptação no Brasil acaba se revelando mais difícil que a adaptação no Japão.

Por fim, vale lembrar que entre os diversos grupos de imigrantes que chegaram ao Brasil no século XX, os japoneses, de modo geral, tiveram uma trajetória ascendente e conseguiram manter posições intermediárias na sociedade brasileira ao longo do tempo. A influência da cultura japonesa na formação de seus descendentes, com a valorização da educação escolar que inclui o apoio, a disciplina e o esforço de toda a família, contribuiu para a formação de uma imagem positiva desses descendentes no Brasil, sendo estes associados às idéias de “bom aluno” e “inteligência”. Em razão disso, os nipo-brasileiros apresentam atualmente, escolaridade alta em relação à população brasileira (BELTRÃO e SUGAHARA, 2006 p. 86).

Nesse ponto é interessante notar que:

De fato, na história dos 70 anos da imigração japonesa no Brasil constituem raras exceções os que conseguiram fortuna e posição social com a própria força, sem a ajuda da educação escolar. Não há um caso sequer que possa ser comparado com o do Matarazzo, nem mesmo em miniatura, que tenha notoriedade na coletividade nipo-brasileira (MIYAO, 1980, p. 93).

Porém, o movimento *dekassegui* veio mostrar outra realidade dos brasileiros descendentes de japoneses no Brasil: a de que entre muitos deles, somente através dos estudos não é mais possível alcançar o padrão de vida desejável na terra natal devido à



difícil conjuntura econômica do país. Nesse sentido, o padrão cultural que valoriza o estudo como forma de ascensão social não está mais sendo suficiente atualmente no Brasil, pois devido à conjuntura econômica, somente o nível superior não garante um padrão de vida esperado (comprar bens, viajar, etc.) correspondente à formação intelectual.

Assim, a imagem de que um descendente de japonês dificilmente enriquece sem a ajuda da educação está mudando. Sobre o assunto Tsuda (1996, p. 81) afirma: “tendo achado que educação e trabalho duro não é mais uma garantia para a realização de suas aspirações socioeconômicas e expectativas, eles começaram a contar com a migração *dekassegui*”.

O movimento *dekassegui* e a comunidade nipo-brasileira

O movimento *dekassegui* teve grandes impactos dentro da dinâmica da comunidade nipo-brasileira, modificando definitivamente alguns de seus valores e costumes, muitos dos quais inspirados em suas origens japonesas. Sobre o assunto Márcia¹ comenta:

eu acredito que as pessoas têm o direito de buscar o melhor em qualquer lugar do mundo né. Porém **as seqüelas sociais que isso tá gerando são de causar arrepios** assim sabe, eu acho que o preço está sendo muito alto. Eu acho que a busca por esse dinheiro, por essa realização financeira está deixando seqüelas muito altas né, o custo social é muito alto, **a dissolução das famílias né, o desequilíbrio psicológico, acho que o conflito está muito desgastante, conflitos psicológicos que muitos não conseguem vencer** (grifos meus).

Nesse sentido, Edson é um exemplo disso, demonstrando que os fatores sociais que estão implícitos na migração são muitas vezes sacrificados. Perguntado se ele achava que obteve êxito em sua trajetória migratória, ele responde: “sim e não, eu acho que eu perdi muitas coisas assim, teve a separação familiar, foi uma perda muita grande, e só tive um ganho financeiro né, vamos falar assim, mas o emocional foi uma perda muito grande” (Edson separou-se da mulher com quem teve uma filha e ficou morando sozinho no Japão).

¹ Os nomes de todos entrevistados foram alterados



Outro enorme problema decorrente da migração *dekassegui* são as freqüentes idas e vindas de um país para o outro. Os retornos ao Japão são muito comuns entre os *dekassegui* quando chegam ao Brasil, e isso tem impactado de maneira muito negativa na família nipo-brasileira que freqüentemente se vê separada entre dois continentes. A respeito disso Márcia afirma que:

o problema é que ele **tem que definir onde que ele quer construir a vida**, e isso de ficar indo e vindo, indo e vindo, é a coisa mais traumática que poderia acontecer na sociedade, numa comunidade como essa, e gerando problemas muito grandes como no caso da família, e tá havendo um **rompimento dos valores familiares né, cônjuges separados entre si, crianças que ficam com os avós né ou com um dos cônjuges enquanto o outro vai pra lá trabalhar** né, mas se ele fica mais de meio ano, um ano, dois né separados né do cônjuge é inevitável que ele encontre um outro parceiro que no começo é temporário mas acaba ficando permanente sabe, então o retorno e às vezes as conversas por telefone vão variando né, então é uma coisa assim absurda né principalmente a família, porque **a família nikkey era assim uma coisa muito equilibrada né** (grifos meus).

Neste sentido, observamos que é muito comum os *dekassegui* irem ao Japão sem um planejamento definido, sem um objetivo a ser alcançado, o que pode ser um motivo para tantos retornos ao Japão, adiando o sonho de ter uma moradia fixa no país em que escolheu para viver definitivamente (seja o Brasil ou Japão). Edson que está retornando pela quinta vez ao Japão, é um exemplo disso:

A gente é igual cigano né, o Japão dá as melhores condições de emprego e a gente vê que tem essa opção lá né e tem um retorno financeiro dá pra guardar dinheiro e dá pra pensar em fazer alguma coisa né. Mas agora **eu ainda não tenho objetivo eu vou voltar pro Japão, posso ficar muito tempo ou não, se eu não amadurecer alguma coisa que eu possa fazer aqui no Brasil que me dê retorno financeiro eu vou ficar no Japão**, porque lá eu vou ter emprego e renda e vou poder guardar uma parte do meu salário pra fazer poupança e pelo menos ter dinheiro pra sobreviver aqui no Brasil. Eu pretendo voltar pro Brasil, não quero viver eternamente no Japão só que enquanto eu não tiver alguma coisa que me dê um retorno financeiro aqui no Brasil que eu possa viver eu não posso voltar (grifos meus).

De modo geral, os objetivos mais comuns entre os *dekassegui* são o de comprar casa própria e abrir negócio próprio. Mas, mesmo se a pessoa conseguir retornar ao Brasil com dinheiro poupado do Japão existe vários empecilhos que dificultam a realização do sonho de uma vida melhor. Sobre o assunto, vemos o caso de Manoel: "Na volta ao Brasil, o dinheiro deu para comprar uma pequena casa, de cem metros



quadrados, num modesto bairro em São Paulo. E só. Agora, a preocupação é como pagar as contas do mês (Globo Repórter, 2006)". E Manoel afirma: "Tenho casa, mas não tenho emprego".

Nesse sentido, observamos que a falta de um objetivo e um bom planejamento se tornaram um problema grave entre a população *dekassegui*, pois como afirma Edson (09/07) "se você não vai realmente com um objetivo você nunca vai estar satisfeito".

Sobre a reinserção dos *dekassegui* no mercado de trabalho brasileiro, Sasaki (2000, p. 98) afirma que a reinserção é freqüentemente mais difícil do que a adaptação no Japão. Assim, o *dekassegui* encontra no retorno ao Brasil uma grande barreira a ser ultrapassada a fim de conseguir se estabelecer em sua terra natal de modo que não necessite mais sair do país em busca de trabalho. Márcia expõe muito bem as principais dificuldades enfrentadas pelos *dekassegui* na volta ao Brasil:

nos primeiros encontros com os amigos e familiares, ele começa a se sentir sozinho porque um sai pra trabalhar, outro sai pra estudar né, e ele fica sozinho pensando que que ele vai fazer agora? Só que ao mesmo momento, **o relacionamento dele não foi alimentado durante a ausência**, então ele não consegue saber onde procurar a porta de entrada para esse **mundo tão corrido aqui e tão diferente daquilo que ele tava vivendo até semana passada** né, então nesse retorno nem sempre ele ta visualizando o mercado de trabalho, muitas vezes ele quer abrir um negócio próprio mas não está bem preparado, não sabe o que fazer, fica procurando em caderno de classificados, fica perguntando pros amigos... Ou, no caso de procura de emprego ele também pergunta para seus conhecidos, ou fica olhando em jornais, Internet, e acaba esgotando... tende a esgotar todas as possibilidades em pouco tempo e aí começa a se tornar cada vez mais presente aquela sugestão e se não der certo eu volto pro Japão? E o que que eu vou fazer aqui se não conseguir nada né?, e o dinheiro acabando... (grifos meus).

A partir desse relato vemos que o retorno ao mercado de trabalho se mostra muito mais complicado do que no momento anterior à migração, quando o indivíduo tinha maior conhecimento do mercado de trabalho brasileiro e, portanto, conhecia melhor suas oportunidades. A consequência disso é que muitos deles ficam desempregados no Brasil. De acordo com os dados do CIATE de 1999, 38% dos ex-*dekassegui* no Brasil estavam desempregados, 18% eram autônomos, 15% estavam empregados, 13% eram proprietários de negócio e 16% responderam a opção 'outros'.

Entre esses mesmos entrevistados 50% afirmavam que não tinham renda naquele momento no Brasil. Outros 25% afirmavam que ganhavam de 1 a 5 salários mínimos,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

17% ganhava de 6 a 10 salários mínimos e somente 8% ganhava mais de 10 salários mínimos. Perguntados sobre a possibilidade de retornarem ao Japão como *dekassegui*, 36% afirmaram que pretendiam voltar ao Japão enquanto que 34% ainda estavam indecisos sobre o assunto, e somente 30% deles afirmaram que não pretendiam voltar ao Japão.

Esses dados demonstram que existe muita dificuldade de se reinserir no mercado de trabalho brasileiro, o que faz muitos dos *dekassegui* pensar em retornar ao Japão. Sobre o assunto Márcia afirma:

é onde o Renan até brinca que **parece que instalaram um chip calculadora na cabeça do *dekassegui***, porque ele começa a fazer conta: “poxa eu fiquei um mês aqui se eu tivesse ficado no Japão acho que teria ganhado 3 mil dólares. E ainda mais tem o agravante de que aqui eu gastei não sei quantos mil nesse espaço de tempo, puxa vida se eu ficar mais um mês vai ser o dobro, e três meses, e quatro meses se passaram né”. Então eu acho que essa é a coisa mais crucial, **enquanto ele não “deletar” Japão da cabeça dele, ele vai sempre estar com essa sensação: “será que eu deveria estar aqui ou será que eu deveria estar lá”** (grifos meus).

Como vimos, de acordo com as estatísticas, muitos dos *dekassegui* optam por abrir o próprio negócio quando retornam ao Brasil, sobre o assunto Silvio afirma:

Quanto mais você fica no Japão, ou no exterior, eu acho, a readaptação no Brasil é muito mais difícil. Existem levantamentos do próprio Sebrae dizendo que muitos daqueles que voltam do Japão e tentam empreender no Brasil, abrir um negócio próprio, **vão à falência nos três primeiros anos**; a grande maioria. É por isso que eles estão lançando esse projeto [Projeto Dekassegui Empreendedor], com o objetivo de capacitar a pessoa, para que ela possa, de uma certa forma, ter mais condições para gerir o seu próprio negócio. Mas muitas vezes, as pessoas que vão ao Japão, a maioria dessas pessoas **não são do ramo**, elas saem daqui, na média, com 25 a 35 anos, vão para o Japão, ficam 10, 15 anos e voltam com 45, 50. **Já não consegue, por exemplo, retornar à atividade que exercia**. Se for profissional liberal, advogado, dentista, engenheiro, já não consegue, **já está fora do mercado**. Então, como assalariado é difícil. Então vai fazer o que com essa idade, vai tentar um negócio próprio. Mas se não é fácil, nem para quem tá no Brasil, vivenciando diariamente, se torna muito mais difícil para que esteve 10, 15 anos fora (grifos meus).

Impacto do movimento migratório nas famílias nipo-brasileiras

Um grave problema que afeta a comunidade nipo-brasileira são os das famílias que perdem contatos com seus parentes *dekassegui* no Japão; esse fato foi tão marcante



na comunidade nipo-brasileira que até foi criada a Associação das Famílias Abandonadas por Dekasseguis no Brasil (AFAD). Dados apresentados no jornal Nippo-Brasil (7 a 13 de março de 2007) revelam que o Ministério das Relações Exteriores tem notificado 600 casos de pedido de pensão alimentícia para brasileiros que estão no Japão (números referentes a somente os últimos três anos de registro).

Djalma Straube, fundador da AFAD em 2003, passou por esse tipo de problema. Sua mulher, uma brasileira descendente de japoneses, foi ao Japão em 1993 com a promessa de levar a família, porém deixou para trás além do marido, suas duas filhas (na época uma de 5 anos e outra de 1 ano). Dois anos após chegar ao Japão ela desapareceu, não dando mais notícias, e só reapareceu em 2000 para pedir o divórcio. Apesar de ter assumido o compromisso de pagar a pensão alimentícia nesse período, ela deixou de cumprir com o acordado após um ano, abandonando as meninas que hoje têm 16 anos e 20 anos.

Muitos dos familiares só querem obter notícias sobre seus parentes no Japão; alguns ficam sabendo muito tempo depois que algum parente já morreu no arquipélago, como no caso de Marcelino Kobata, 43 anos, diretor do Portal Dekassegui (site especializado em temas sobre *dekassegui*), que só ficou sabendo da morte do pai alguns anos depois de seu falecimento.

De acordo com os dados do Consulado-Geral do Brasil em Nagoya, eles atendem cerca de 300 a 350 casos por ano de familiares pedindo informações sobre algum trabalhador brasileiro no Japão, porém somente alguns casos são solucionados, pois a maioria dos *dekassegui* não quer ter seus endereços divulgados.

Significado de ser *dekassegui*: mais do que trabalho é também uma relação (familiar e social)

De modo geral, podemos afirmar que o movimento migratório envolve toda a família; não é só uma relação objetiva do trabalhador com o mercado de trabalho, mas envolve também os laços de parentesco. Neste caso, ser *dekassegui* remete mais ao sentido de imigrante de acordo com as descrições que Sayad expõe em seu livro A



imigração. Assim, Umberto (que nunca trabalhou como *dekassegui*, mas morou por um tempo com seus pais no Japão que foram lá em busca de trabalho) afirma:

É por eu entender, eu sei o que o meu pai faz de segunda-feira, sei que ele acorda cedo, vai trabalhar na fábrica, sai às 5hrs, pega o carro dele, vai para uma loja brasileira, porque agora ele está trabalhando em dois empregos; depois termina o dia dele, ele vai para casa, toma a cerveja dele, conversam com a família um pouquinho e vai dormir, **é o tipo de vida que assim eu me sinto parte talvez, né, eu entendo, eu me sinto *dekassegui* talvez por causa disto, não sei, e mais coisa também.** (...) A questão do dinheiro enviado de lá para cá como fonte de renda né, (...) eu sinto um pouco essa sensação que se eu estivesse mais independente assim, eu fosse viver a minha vida, e saísse de casa mesmo de vez, eu ia me sentir menos *dekassegui*. (...) depois que você é *dekassegui* uma vez, *dekassegui* de ir para o Japão e viver a vida de imigrante brasileiro lá, eu acho que você vai se considerar né, o modo de pensar, as lembranças e tal, o que se mudou, o que isso mudou (grifos meus).

Considerações finais

O movimento *dekassegui* desde seu início está intrinsecamente relacionado com a comunidade nipo-brasileira modificando costumes, valores, comportamentos, modo de organização e até a própria identidade de seus membros de modo que a sua contribuição para a comunidade nipo-brasileira (tanto positiva quanto negativa) não se esgota somente com as discussões apresentadas nessa pesquisa.

De modo geral, pudemos observar que se por um lado a migração de trabalhadores brasileiros para o Japão em busca de trabalho pode afetar de forma negativa a comunidade nipo-brasileira, em especial os familiares mais próximos desses migrantes (devido às dificuldades implícitas que envolvem a migração, como a separação das famílias e todos outros problemas que decorrem disso), por outro lado, podemos afirmar que o movimento *dekassegui* também tem servido como uma proteção da comunidade contra o agravamento da situação socioeconômica, mantendo-os num patamar de “classe média” em relação à sociedade brasileira, e com isso, mantendo um aspecto positivo da comunidade nipo-brasileira relacionada à sua posição privilegiada na sociedade brasileira. Sobre o assunto, o pesquisador Tsuda (1996, p. 168) afirma que:

O status de classe média tem por agora se tornado uma característica definidora do japonês como um grupo étnico entre os nipo-brasileiros (*nikkei*) e os brasileiros. Igualmente às suas distintas características culturais “japonesas”, suas posições



econômicas e sociais privilegiadas se tornaram um “**emblema do contraste**” diferenciando-os como uma minoria positiva altamente respeitada na sociedade brasileira (grifos meus).

É nesse sentido que Tsuda (*Ibid.*, p. 146) também afirma que no Brasil a população nipo-brasileira se tornou uma minoria étnica positiva, através da boa imagem criada ao redor de seu povo:

Minorias positivas ocupam relativamente um alto status socioeconômico e são respeitadas e admiradas pela maioria dominante até certo nível, por ambas as suas distintas qualidades: culturais e posição social. De fato, tais minorias privilegiadas podem até ser vistas como **superiores** à população majoritária e, portanto, desfrutam de uma “**discriminação positiva**” na qual eles são realmente **favorecidos** sobre os membros do grupo majoritário. **Os nipo-brasileiros são precisamente tais minorias positivas** (grifos meus).

Desse modo, observamos que a análise dos impactos da migração em busca de trabalho para o Japão é muito ampla e complexa, tentamos apresentar apenas alguns aspectos, mas de modo geral é possível perceber a grande importância que esse fluxo migratório representa para a comunidade nipo-brasileira, que desde meados dos anos 1980 abriu um novo capítulo na história não só dos japoneses no Brasil, como também das relações Brasil e Japão.

Referências Bibliográficas

BELTRÃO, K. I.; SUGAHARA, S. “Permanentemente temporário: *dekasseguis* brasileiros no Japão”. *Revista Brasileira de Estudos de População* Vol. 20 (1), 2006.

KAWAMURA, L. K. *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

MIYAO, S. “Posicionamento social da população de origem japonesa”. In: Saito, H. (org.), *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1980.

SASAKI, E. M. “Dekasseguis: trabalhadores migrantes Nipo-Brasileiros no Japão”. *Núcleo de Estudos de População da UNICAMP*, nº39, 2000.

SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

TSUDA, T. *Strangers in the Ethnic Homeland: The Migration, Ethnic Identity, and Psychosocial Adaptation of Japan's New Immigrant Minority*. Tese de mestrado, University of California at Berkeley, 1996.